

# 1

## Introdução

Em nossa sociedade, a problemática das drogas vem sendo intensamente debatida. Trata-se de um tema tabu que, cada vez mais, tem tido espaço no âmbito jurídico, pedagógico, familiar e na mídia. As drogas constituem assunto recorrente nas conversas sociais; em polêmicas sobre o tráfico, o modo de veiculação da propaganda de bebidas alcoólicas, a liberalização do uso da maconha, etc.

A ênfase dada, nos meios de comunicação, à questão das drogas, recai, freqüentemente, sobre o tratamento, a repressão ou a utopia da erradicação do consumo. A discussão tende a ser conduzida no sentido da busca por soluções imediatistas; sendo tímido, ainda, o desenvolvimento de estratégias de prevenção a médio e longo prazo.

Estudos sublinham o papel da família como fator de proteção ao uso indevido de drogas (Carvalho et al, 1995; McArdle et al, 2002; Wills & Yaeger, 2003; Micheli & Formigoni, 2004; Schenker & Minayo 2005). Embora nenhum elemento, isoladamente, previna o abuso de drogas, a família, enquanto fator de proteção - ou de risco - deveria ser incluída como ponto crucial em qualquer discussão relacionada ao problema em questão.

A motivação para o desenvolvimento deste estudo partiu da experiência clínica da autora no atendimento a famílias com problemas relacionados ao uso indevido de substâncias psicoativas (drogas). Há doze anos a autora atua nesse campo da dependência de drogas e, desde então, surgiu o interesse pelo tema do presente trabalho.

Na atividade clínica e na literatura especializada, as abordagens têm enfatizado a importância da inclusão da família no estudo e tratamento da dependência de drogas. Desse modo, a "doença" e o doente estão sendo vistos de maneira menos fragmentada. Entretanto, na teoria e na prática clínica, muita ênfase é dada à mãe do dependente e pouca ao pai. A díade mãe-filho é muito explorada através do diagnóstico da "codependência", conceito que faz referência ao vínculo dependente e doentio que a mãe (ou outra pessoa significativa) estabelece com o dependente de drogas.

No contato com essas famílias, chama a atenção o pequeno ou nenhum espaço destinado ao pai: no discurso da mãe, do dependente e também no tratamento. A mãe coloca-se como porta-voz das dificuldades da família e o pai, muitas vezes, nem é comunicado sobre o problema. Quando o pai participa do tratamento - o que não é a situação mais comum - , ainda assim evidencia-se uma grande discrepância entre o lugar ocupado por ele, mais periférico, e pela mãe, extremamente envolvida na vida do dependente.

Dessa vivência clínica surgiu a indagação: qual é o lugar do pai na família do dependente de drogas? Muitos autores (Kalina & Korin, 1983; Stanton et al, 1985; Plass, 1996; Freitas, 2002; Ramos, 2003; Schenker, 2005) apontam a ausência do pai nas famílias adictivas - não no sentido físico, mas emocional. Pretendemos, em nosso estudo, investigar esse importante dado da literatura e da clínica. Buscamos compreender como o lugar do pai é ocupado nessas famílias, indo além da mera constatação da sua ausência ou presença.

Inicialmente, tínhamos a intenção de, norteados por essa questão, entrevistarmos várias famílias. Depois, concluímos que seria interessante determos-nos no olhar do dependente sobre o seu pai. Também consideramos a dificuldade de reunir os sujeitos de uma mesma família para compor a amostra. Optamos por dar maior ênfase à percepção do dependente sobre o lugar ocupado pelo seu pai e a sua vivência dessa relação.

Nosso objetivo é verificar a visão do dependente de drogas sobre o lugar do pai na sua família. Salientamos que não buscamos estabelecer uma relação de causalidade entre o lugar do pai e a dependência de drogas. Entrevistamos dez sujeitos, de 18 a 35 anos, de classe média, internados em uma clínica para tratamento da adicção, em regime de internação, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. A amostra foi composta somente por homens. Destacamos a predominância, no Brasil, do sexo masculino em relação ao consumo freqüente de álcool; maconha e cocaína (Medina, Santos & Almeida Filho, 2000) - drogas de escolha dos entrevistados - isolada ou associadamente. Na clínica onde foram realizadas as entrevistas, por exemplo, a média de internos do sexo masculino é de 80%. Avaliamos ser importante escutar a fala de homens em relação ao pai; não somente como modelo paterno, mas também enquanto referencial masculino.

Esclarecemos que, para a finalidade deste estudo, não é relevante o tipo de substância utilizada pelo abusador/dependente. Portanto, as questões aqui

levantadas sobre dependência de drogas aplicam-se também ao alcoolismo. Em alguns momentos utilizamos o termo dependência e, em outros, abuso de drogas. Também neste caso, para o nosso objetivo, não é fundamental nos atermos a essa classificação gradativa. O uso nocivo ou abusivo e a dependência são ambos, usos indevidos de uma substância, interferindo na vida do indivíduo e no seu meio. Para evitar o uso recorrente do mesmo termo e dinamizar o texto, utilizamos dependência de drogas ou adicção; dependente de drogas ou adicto, como equivalentes.

Buscamos investigar o lugar do pai na família do dependente abrangendo o período anterior e posterior ao uso de drogas. Portanto, nossas considerações não são - tão somente - relativas às conseqüências dos problemas decorrentes do abuso de drogas.

Utilizamos o paradigma da terapia familiar sistêmica como referencial teórico para a discussão do lugar do pai. Dentro dessa perspectiva, a análise de uma questão requer a leitura da interação entre os componentes envolvidos, que não devem ser vistos de forma isolada. O lugar do pai está, segundo essa ótica, correlacionado ao lugar da mãe e aos dos outros membros do sistema familiar, inclusive de outras gerações. Procuramos compreender a posição do pai no contexto da rede familiar e da sociedade mais ampla.

A fundamentação teórica da pesquisa é tecida a partir do desenvolvimento de três eixos temáticos principais que são articulados entre si: dependência de drogas; família; e masculinidade/paternidade.

O próximo capítulo visa conceituar a dependência de drogas. É discutida a sua etiologia; a sua evolução; e são elucidadas características da dependência e do dependente. Demarcamos as diferenças entre o uso experimental; social; abusivo ou indevido e a dependência de drogas. Exploramos as três dimensões dessa problemática multifacetada: biológica, psicológica e social.

Ainda no segundo capítulo, abordamos a temática familiar a partir da discussão de algumas características das famílias adictivas, observadas por estudiosos da área como Stanton et al (1985); Kalina (1990); Sternschuss & Angel (1991); Ramos (2003) e Schenker (2005). Ressaltamos os seguintes aspectos dessa problemática: relações simbióticas ou dispersas; formação de alianças cristalizadas entre membros da família de gerações diferentes, dificultando a

individualização; dificuldades no estabelecimento de limites; codependência; fragilidade da figura paterna; padrões comunicacionais disfuncionais.

Visando aprofundarmos o estudo da dinâmica familiar adictiva, privilegiamos os seguintes conceitos da Terapia de Família: triângulo e diferenciação do self (Bowen, 1978); triângulo perverso (Haley, 1976); fronteiras (Minuchin, 1980) e ciclo vital familiar (Carter & McGoldrick, 1989). O conceito de triângulo é fundamental, neste trabalho, para o exame das tríades familiares: pai-mãe-filho; mãe-filho-avó e assim por diante. O triângulo perverso, por sua vez, refere-se à aliança entre membros da família de gerações diferentes, caracterizando uma inversão hierárquica. A noção de diferenciação do self, ou do eu, permite a avaliação do grau de dependência ou autonomia do indivíduo em relação à família. O conceito de fronteiras aborda a questão das "linhas invisíveis" finas ou grossas, nítidas ou confusas, que demarcam o espaço entre os familiares. Finalmente, o ciclo vital familiar permite visualizar o desenvolvimento da família através da passagem do tempo e perceber o seu nível de flexibilidade, a partir da sua expansão ou estagnação.

No terceiro capítulo tratamos de questões relativas à masculinidade e à paternidade. A reflexão sobre o papel do pai requer a análise dos papéis sexuais. Iniciamos com uma revisão histórica das alterações nos papéis sexuais atreladas às transformações da organização familiar.

As mudanças nas relações de gênero culminaram em uma crise de identidade masculina na atualidade (Nolasco, 1995; Jablonski, 1995; Silveira, 1998) e refletiram-se na reformulação das expectativas em relação à paternidade. As referências norteadoras sobre o papel do pai foram questionadas - antes era bem demarcado o seu lugar como provedor e chefe de família, e da mãe como responsável pela educação dos filhos. O entendimento do cenário atual no que tange aos gêneros ajuda a ampliar a perspectiva da discussão do lugar do pai hoje - bem mais indefinido do que foi outrora. As reformulações na organização familiar, entretanto, não são lineares; crenças antigas e conservadoras sobre as diferenças nos papéis sexuais coexistem com um discurso mais igualitário.

Qual o diferencial do pai no exercício parental? Discorremos, ainda no terceiro capítulo, sobre o papel do pai no desenvolvimento do indivíduo. Corneau (1989), Badinter (1992) e Lebrun (2001) destacam a sua função de facilitar a separação entre a mãe e a criança, evitando que essa relação seja asfixiante,

dificultando a autonomia do filho. Esse ponto de vista sobre o papel do pai é de grande valia no estudo da dinâmica das famílias adictivas, marcadas, em sua maioria, pela codependência entre a mãe e o filho, enquanto o pai ocupa um lugar mais periférico.

Os desafios de ser pai estão vinculados aos desafios de ser homem. Analisamos as vicissitudes do processo de desenvolvimento da identidade masculina a partir de autores como Osherson (1986); Corneau (1989) e Badinter (1992). O estudo dessa trajetória fornece subsídios para o entendimento da complexidade do exercício da paternidade.

O quarto capítulo é dedicado à apresentação da pesquisa de campo e à discussão dos resultados. A análise dos dados está dividida em seis categorias: estabelecimento de limites; reação à problemática do abuso de drogas; percepção dos papéis de gênero; percepção dos papéis parentais; casal parental e relacionamento com o pai. No último capítulo tecemos as considerações finais.